

# Palco

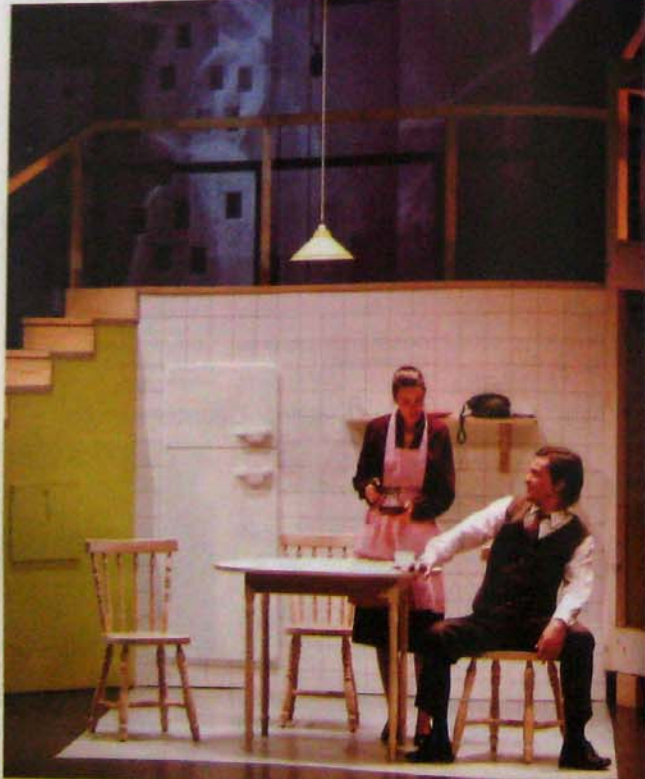
## O passado e o presente do TEP

O TEP revisita a sua história para projectar o futuro. O seu guru António Pedro continua a ser o mote. **Rodrigo Afreixo** foi a Gaia saber das novidades.

"O passado e o presente funcionam ao mesmo tempo." Quem diz isto é o jovem encenador Gonçalo Amorim, explicando as didascalias de Arthur Miller, quando este insiste que os aparentes flashbacks devem ser apresentados em montagem paralela. "Façam, através da sua intensidade, viver o passado e o presente ao mesmo tempo". Esta parte da conversa era especificamente sobre a peça *A Morte de um Caixeiro Viajante*, mas aplica-se diretamente ao contexto actual do histórico Teatro Experimental do Porto (TEP), que atravessa uma fase de renascimento.

Explicando melhor, este ano comemora-se o centenário de António Pedro (1909-1996), encenador, escritor e artista plástico ligado ao surrealismo e figura indissociável desta companhia, da qual foi director artístico entre 1953 e 1961. Assim, a direcção do TEP decidiu convidar três jovens encenadores para recriarem outros tantos espectáculos outrora dirigidos pelo mestre. Este "Ciclo de Homenagem" começou em Maio, com *O Morgado de Fafe Amarelo* de Camilo Castelo Branco, a cargo de Susana Sá. Prossigam-se, agora, com *A Morte de um Caixeiro Viajante*. E terminará com *Jornada para a Noite* de Eugene O'Neill, encenado por Nuno Cardoso, com estreia prevista para 18 de Novembro. A ideia passa por reinar o lado mais experimental da encenação, preconizado por António Pedro nos anos 50.

"O período Norberto Barroca (1998-2009) foi demasiado longo", desabafa Julio Gago, o director do TEP. "Durou 11 anos, e a verdade é que o carácter renovador



O cenário recria o original de António Pedro. Em *A Morte de um Caixeiro Viajante* regressa-se ao TEP dos anos 50.

continuava a não surgir. Criou-se um divórcio em relação ao sector intelectual, que também se traduziu nos apoios do Ministério da Cultura. Então, havia que abrir as portas a novos encenadores. Quis dar essa abertura a jovens encenadores já com créditos firmados, de forma a que a programação passasse a ter outras marcas", explica.

Apesar de ser do Porto, Gonçalo Amorim (n. 1976) tem feito o seu percurso como actor e encenador em Lisboa. É neto de Orlando Juncal, que foi um dos fundadores do TEP. Aceitou de imediato o convite da companhia e esta é a primeira vez que trabalha na sua cidade natal. Foi ele que escolheu esta peça de Miller. "Quer a que o ponto de partida fosse o da

encenação do António Pedro. Gostava de experimentar como é que é ter, como ponto de partida, os materiais para a cena, e não apenas um texto escrito", explica o encenador.

"*A Morte de um Caixeiro Viajante*" está em cena no Auditório Municipal de Gaia até domingo 17. Ver listas.

## Sob o foco António Durães

Além de actor, também encena. As *Espingardas da Senhora Carrar*, de Brecht, é reposto este mês no Teatro Helena Sá e Costa.

Que linhas de coerência têm percorrido o teu trabalho enquanto encenador?

Em todos os espectáculos que dirigi tenho sempre o texto como ponto de partida. É nele que tudo começa. Sou sempre o dono do texto. Creio que esse é o encenador comum do meu trabalho.

As *Espingardas da Senhora Carrar* estreou no final de Julho no Porto e já vai ser reposto, quatro meses depois. Qual o motivo deste regresso?

Podia dizer – e se calhar, devia – que a reposição é uma espécie de homenagem, depois do sucesso alcançado. Sendo verdade que o espectáculo correu muito bem, devo porém dizer que a reposição obedece à programação delineada.

Esta peça, ambientada na Guerra Civil de Espanha, é um apelo ao pacifismo. Passa por aí a actualidade da sua mensagem?

Assim me neste momento dizer que a altura na vida em que é necessário tomar partido e partir para o combate. É isso mesmo que me inspira a mulher (e mãe), depois de ser rapado o seu plano de manter os filhos afastados do conflito.

Passo muito Brecht em Portugal nos próximos 25 de Abril. Agora parece estar de regresso... Este espec-

táculo e *Tambores na Noite* (2009), encenado por Nuno Carlinhas, são dois exemplos recentes. Pode dizer-se que Brecht está outra vez na moda, em termos de escolha de repertório?

A presença de se fazer Brecht não se esgota nas dificuldades que estes tempos difíceis comportam. Brecht não é só um discurso artístico, mas também político. É estético, mas também ético. O facto de estarmos a experimentar, na nossa vida de todos os dias, momentos cheios de dificuldades e privações, ajuda a colocar o texto brechtiano no sítio da nossa indignação. Porque estamos mais ou menos adormecidos e temos algum medo de tomar público partido, talvez seja mais simples pôr Brecht a falar por nós. Mas eu, se creio na eloquência do discurso brechtiano, desconfio da sua eficácia prática. Ao representá-lo, cumpro vários objectivos: artísticos, estéticos e políticos. Fico um pouco mais apaziguada.

Quais são os teus próximos projectos?

Este ano farei sobretudo encenações, em vários locais e com diferentes estruturas. Três ou quatro, ainda não é certo. Trabalho de actor, apenas farei em Abril, e num musical, ou seja, desafiando.



## Actualidade

### 10x10



Teatro "à la carte". Aqui, o público é quem mais manda no espectáculo

### Galeria de Paris

Café-concerto. Sexta-feira 8 a Domingo 10, ver listas

"Em Outubro (mês 10 de 2010), vamos fazer dez apresentações em vários espaços da cidade do Porto da produção *10x10*, a experiência teatral *à la carte*", anunciam os jovens responsáveis pela plataforma artística Estaca Zero, criada em 2007 e com uma actividade ininterrupta desde então. Por exemplo, acabaram de estreiar *Dejá Vu* em Setembro.

No entanto, à data do fecho desta edição, só estavam garantidas três datas, no espaço Galeria de Paris. E o que é isso de teatro *à la carte*? Pois bem, neste caso "o espectáculo é da pura responsabilidade do público, uma vez que é este quem escolhe a ordem de apresentação e a quantidade dos textos de novos autores (nacionais e estrangeiros) a serem apresentados, quais os actores que levam à cena cada um deles e quem representa qual personagem; ou, mais simplesmente, quem fala primeiro", explica Emanuel de Sousa, o jovem encenador da companhia, que também é arquitecto e vive entre o Porto e Londres. Está-se, pois, em pleno território da interactividade em tempo e espaço reais.

Aqui, "cada espectáculo é único", prossegue, explicando que *10x10* é uma criação "sem forma", na qual "nenhum texto é apresentado da mesma maneira duas vezes".

No final da recita de domingo 10 – e porque é "10.10.10" – haverá uma conversa aberta, seguida de uma festa com alguns DJs, para melhor comemorar este projecto com o público.

"Se retirarmos o cenário, os adereços, a luz cénica e, eventualmente, o próprio palco, resta-nos o actor e o público que habitam um mesmo espaço e um mesmo tempo", verifica Emanuel de Sousa. "Teatro resume-se a esta comunicação entre estes dois grupos distintos – actores e espectadores. Teatro não é nada mais do que um grupo observando o outro."

A seu favor, a Estaca Zero tem o facto de garantir "financiamento cem por cento próprio e dos patrocinios que vai arrançando".

Info: [www.estacazeroteatro.com](http://www.estacazeroteatro.com).

